

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tirzah Berni de Souza

**A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA DO BOXE NO RIO GRANDE DO SUL
(DÉCADAS DE 1920 a 1960)**

PORTO ALEGRE

2012

Tirzah Berni de Souza

**A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA DO BOXE NO RIO GRANDE DO SUL
(DÉCADAS DE 1920 a 1960)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Janice Zarpellon Mazo

PORTO ALEGRE

2012

Tirzah Berni de Souza

**A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA DO BOXE NO RIO GRANDE DO SUL
(DÉCADAS DE 1920 a 1960)**

Conceito final:

Aprovado em.....de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. - UFRGS

Orientadora – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo - UFRGS

Dedico este trabalho ao meu maior incentivador, meu pai. Aquele que um dia sonhou que sua filha se formasse na universidade federal e não poupou esforços para que isto se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria e conhecimento, que está comigo todo o tempo e me dá forças para conquistar.

À minha família, que não mede esforços para me fazer feliz! Meu pai, que me dá todas as condições para que meus objetivos se concretizem. Minha mãe, exemplo de abnegação, que, nem preciso dizer, faz tudo por mim. Minha irmã, carinhosa e gentil, com um coração enorme traz vida a nossa casa.

À minha família da fé por tudo que compartilhamos juntos, pelo caminho certo que trilhamos e pelo amor que procuramos viver.

Aos meus amigos, que sempre torceram por mim, em especial a Gabriela M. Padilha que dividiu estes cinco anos comigo, companheira indispensável desta jornada que foi um tempo de amadurecimento e aprendizagem. Esta amizade é um presente de Deus!

À minha Orientadora Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo, que tem o dom de transformar “intenções” em trabalhos científicos, extremamente competente e muito atenciosa em suas orientações.

À ESEF, a todos os meus colegas, aos funcionários, sempre atenciosos, aos professores qualificados, ao Programa de Educação Tutorial (PET) e a todos que de alguma forma fizeram parte desta etapa de minha vida!

Muito Obrigada!

RESUMO

A prática do boxe surgiu na Inglaterra no final do século XVIII e difundiu-se para alguns países. No final do século XIX, os Estados Unidos passaram a ser o centro deste esporte que na década de 1920, expande-se pelo mundo. No Brasil, a prática chega no começo do século XX, trazida por marinheiros europeus, que fizeram demonstrações desta prática na cidade do Rio de Janeiro. Desta que era a capital do país na época, alastrou-se para outras cidades. O objetivo deste estudo é compreender como se deu a organização do boxe no Rio Grande do Sul, em particular nas duas cidades onde a prática foi mais intensa, Pelotas e Porto Alegre, desde as primeiras demonstrações da prática no início do século XX, passando pelo processo de esportivização da prática, até a década de 1960, quando se destacou internacionalmente. Neste estudo histórico utilizou-se a técnica de análise documental. Para isto utilizou-se fontes documentais cujas principais foram o Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul Amaro Júnior e fichas catalogadas da coluna de boxe do jornal Diário Popular. Desta forma, apresentam-se as fases pelas quais o boxe no Rio Grande do Sul atravessou para se consolidar como esporte, em Porto Alegre e Pelotas. No início do século XX, a prática já percorria o Estado, mas foi na década de 1920 que as *noitadas pugilísticas*, como se chamavam os eventos de luta na época, passaram a ser aceitas como entretenimento. A consolidação do boxe como esporte ocorre nas décadas de 1940 e 1950, com a criação da Federação Rio Grandense de Pugilismo, buscando gerenciar os clubes e campeonatos. Por fim, a década de 1960, marcada pela conquista do título mundial na categoria galos por Éder Jofre, oferece impulso ao boxe, ao passo que a febre *Telecatch*, desvia a atenção da mídia.

Palavras-chave: História do Esporte. Boxe. *Telecatch*

ABSTRACT

The practice of boxing originated in England in the late eighteenth century and spread to some countries. In the late nineteenth century, the United States became the center of this sport in the 1920s, the world expands. In Brazil, the practice comes at the beginning of the twentieth century, brought by European sailors, who made statements of this practice in the city of Rio de Janeiro. That this was the capital of the country at the time, spread to other cities. The objective of this study is to understand how it came to boxing organization in Rio Grande do Sul, in particular in the two cities where the practice was more intense, Pelotas and Porto Alegre, since the first demonstrations of the practice in the early twentieth century, through process sportivization practice until the 1960s, when it highlighted internationally. In this historical study used the technique of document analysis. For this we used documentary sources which were the main Almanac Sports of Rio Grande do Sul Amaro Jr. and tokens cataloged boxing column of the newspaper Diario Popular. Thus, we present the phases boxing in Rio Grande do Sul crossed to consolidate as sport, in Porto Alegre and Pelotas. In the early twentieth century, the practice has traveled the state, but it was in the 1920s that the pugilistic evenings, as they called the events of struggle at the time, came to be accepted as entertainment. The consolidation of boxing as a sport takes place in the 1940s and 1950s, with the creation of the Federação Rio-Grandense de Pugilismo, seeking to manage clubs and leagues. Finally, the 1960s marked by winning the world title by Eder Jofre, offers boost to boxing, while fever Telecatch, diverts attention from the media.

Keywords: History of Sport. Boxing. Telecatch

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: “Johnson, o <i>boxeur</i> cantor”	19
Figura 2: Almeirão Santana, campeão brasileiro (galo) em 1947.....	25
Figura 3: Sebastião Freitas, campeão brasileiro (mosca) em 1949.....	28
Figura 4: Inauguração do Estádio da FRGP em 1955.....	31
Figura 5: Adriano Rodrigues destaque da década de 1950.	33
Figura 6: Éder Jofre em treinamento na academia brasileira de pugilismo, 1962. ...	34
Figura 7: Noite da luta demonstrativa de Jofre, 1960.....	34
Figura 8: Treinamento no Estadinho, 1962.	35
Figura 9: Equipe gaúcha de boxe, 1961.....	35
Figura 10: Caruso, campeão brasileiro (leve), 1961.....	36
Figura 11: Ted Boy Marino, astro do telecatch.....	38
Figura 12: Esquiva Falcão, prata em Londres, 2012.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIBA - *International Boxing Association*
ACM - Associação Cristã de Moços
CBBoxe - Confederação Brasileira de Boxe
CBD - Confederação Brasileira de Desportos
CBP - Confederação Brasileira de Pugilismo
CETE - Centro Estadual de Treinamento Esportivo
COB - Comitê Olímpico Brasileiro
ESEF - Escola de Educação Física
EUB - *European Union Boxing*
FARG - Federação Atlética Rio-Grandense
FEPAGRO - Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária
FRGP - Federação Rio-Grandense de Pugilismo
IBF- *International Boxing Federation*
IOC - *The International Olympic Committee*
NBA - *National Boxing Association*
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
USP - Universidade de São Paulo
WBA - *World Boxing Association*
WBC - *World Boxing Council*
WBO - *World Boxing Organization*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	13
3 OS PRIMEIROS VESTÍGIOS DO BOXE NO ESTADO.....	16
4 AS MUDANÇAS NO BOXE NO RIO GRANDE DO SUL.....	23
5 O BOXE E O TELECATCH.....	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

As lutas, em suas mais diversas manifestações, estão presentes desde os primórdios da humanidade, sendo entendidas também com diferentes significados: ataque, defesa, jogos, entretenimento. Elas passaram por transformações, ganhando e perdendo elementos, sendo estabelecidas por regras e evoluindo, também, com a cultura em que estavam inseridas (TRUZS; NUNES, 2007). A luta surgiu com o homem, quando o mesmo procurou alimentar-se e, mais tarde, quando teve de defender-se nos combates (ALMANAQUE DOS DESPORTOS, 1960) sejam quais forem as razões: alimento espaço, companhia e etc.

O uso dos punhos como arma em brigas também remonta aos primórdios da humanidade. Os mais antigos documentos evidenciando a prática de pugilismo como esporte têm entre 4.000 a 5.000 anos, e foram encontrados na Suméria e no Egito. Algumas evidências sugerem a existência primitiva desta prática desde 1500 anos a.C. em diversas regiões da Europa, Mediterrâneo e Ásia, ressurgindo afinal na Inglaterra onde recebeu o formato atual ao término do século XVIII (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

James Figg (1695-1734) foi o primeiro nome importante do pugilismo, pois ele fez a transição entre os lutadores ingleses que praticavam várias modalidades de luta e os especialistas em pugilismo, adaptando técnicas da esgrima italiana para suas lutas com os punhos. Em 1719 abriu sua primeira arena de lutas e passou a promover lutas inclusive entre mulheres. O primeiro lutador a se dedicar inteiramente ao pugilismo foi seu aluno, James Broughton que criou as primeiras regras para o boxe em 1743. Desta forma, a palavra boxe frequentemente apenas se refere ao boxe inglês praticado a partir das Regras de Broughton, e a palavra pugilismo, denota qualquer “boxe” anterior a esse período (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

O nobre inglês Marquês de Queensbury foi quem desenvolveu determinadas regras, que permanecem até hoje, com o objetivo de tornar a prática mais equilibrada e menos violenta. Dentre elas aparecem o uso de luvas (1867), razão pela qual o boxe ser chamado de “Nobre Arte” (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006), a duração do assalto ser de três minutos com um minuto de descanso e quando um lutador fosse derrubado deveria levantar-se à contagem de 10 segundos (DUARTE, 2003).

A história do boxe inglês teve três grandes etapas: (1) origens e desenvolvimentos iniciais: Inglaterra entre 1000 e 1850; (2) centrado nos EUA: de 1850 a 1920 porque os lutadores ingleses queriam permanecer lutando sem luvas, o que era coibido na Inglaterra; e (3) difundido pelo resto do mundo, a partir de 1920, aproximadamente (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

A palavra boxe foi formada a partir do verbo inglês *to box*, cujo significado original era “bater”. Mas, por volta do ano 1500 d.C. passou a denotar “bater com os punhos”. Em latim, a palavra *pugillus* indica o punho fechado, em forma de soco. A partir deste nexos foi criada a palavra *pugillatus* (pugilato, em português) para indicar o antigo boxe romano. Nos tempos atuais, na prática, o termo pugilismo indica qualquer luta em que se usam principalmente os punhos (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

Segundo Feitosa, Leite e Lima (2006, p. 8.89) o boxe é “uma prática esportiva que consiste em golpear o adversário com os punhos cerrados, gerando-se vantagens ou penalidades de acordo com um código”. Contudo faz-se necessária a diferenciação entre o boxe profissional e o amador bem como das organizações e associações responsáveis por seus campeonatos. O boxe profissional é anterior ao amador que se desenvolveu a partir de 1880, baseado nas regras do profissional e foi conquistando seu espaço e visibilidade ao passo que construía a sua identidade (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

O boxe Profissional¹ gira em torno de investimentos e apostas, por isto há várias associações que o dirigem, o que causa divergência nas regras e nos direitos do atleta. Atualmente, existem quatro principais associações a nível internacional: *World Boxing Association (WBA)*, *World Boxing Council (WBC)*, *International Boxing Federation (IBF)* e *World Boxing Organization (WBO)* (Federação Rio-Grandense de Pugilismo, 2002).

Já o boxe Amador² é a vertente que culmina no boxe Olímpico, existindo somente uma associação internacional dirigindo-o, a *International Boxing Association (AIBA)*, que é filiada ao *The International Olympic Committee (IOC)*. No Brasil a Confederação Brasileira de Boxe (CBBoxe) é responsável tanto pelo boxe profissional como o amador, estando também filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro

¹ Regulamento disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/site/index-boxeprofissional.html>>

² Regulamento disponível em:<<http://www.cbboxe.com.br/site/index-boxeamador.html>>

(COB). Todos os campeonatos seguem as regras da AIBA, mas os nacionais e regionais podem sofrer alterações de acordo com as regras do país (Federação Rio-Grandense de Pugilismo, 2002). As categorias de peso do boxe amador são diferentes das categorias do profissional e são as seguintes: mosca ligeiro (46-49kg), mosca (52kg), galo (56kg), leve (60kg), meio médio ligeiro (64kg), médio ligeiro (69kg), médio (75kg), meio pesado (81kg), pesado (91kg) e super pesado (acima de 91kg).

Em 1920 o boxe retorna aos Jogos Olímpicos e desde então está em todas as edições (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006). Mesmo o pugilismo sendo uma prova olímpica desde os primórdios dos jogos, o boxe não figurou na primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896 por ser considerado pela comissão organizadora um esporte muito perigoso. Mas quando a edição dos jogos aconteceu nos Estados Unidos, Saint Louis, em 1904 o boxe foi incluído, pois já era um esporte muito popular no país. Em 1912, o boxe não entrou no programa das Olimpíadas em Estocolmo, pois ele não era permitido legalmente na Suécia.

No Brasil, a tradição desta modalidade esportiva está associada ao espetáculo produzido por profissionais. Apesar disso, o amadorismo teve sua conquista que até a virada do século era única. Em 1968, nos Jogos Olímpicos de Verão, na Cidade do México, o Brasil conquistou sua primeira medalha no boxe. O pugilista Servílio de Oliveira foi medalhista de bronze na 19ª edição dos Jogos Olímpicos (RUBIO, 2006). Mas, no ano de 2012 outros atletas olímpicos de boxe também fizeram história. Este ano, nos Jogos Olímpicos de Londres, três atletas brasileiros foram medalhistas no boxe: na categoria leve (até 60kg), Adriana Araújo foi medalhista de bronze; na categoria meio-pesado (até 81kg), Yamaguchi Falcão também conquistou medalha de bronze e Esquiva Falcão, brasileiro que lutou pela primeira vez uma final olímpica, na categoria médio (até 75kg) foi medalhista de prata (IOC, 2012).

O boxe chegou ao país através de marinheiros europeus no início do século XX, no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, e foi sendo divulgado para outras regiões. Neste período, as novidades da capital influenciavam o Brasil todo, e não foi diferente, o boxe chega também ao Rio Grande do Sul.

Mas, como ocorreu a organização da prática do boxe no Rio Grande do Sul? Há carência de pesquisas com abordagem histórica sobre este tema. Para tanto, este estudo se propôs a fazer uma reconstituição da história da organização da

prática do boxe no estado, utilizando como referências as cidades de Porto Alegre e Pelotas, cidades que acolheram esta prática e trabalharam intensamente para organizá-la e difundi-la. É válido ressaltar que o objeto de estudo é a organização do boxe, mas tendo como pano de fundo outras lutas que permearam esta história.

Desta maneira, pretende-se contribuir para o resgate da memória do esporte como um objeto importante e dotado de representações que contribuem para a história ampla. Reunindo informações a cerca da história do boxe, visto que a literatura é escassa, pretende-se contribuir com um primeiro levantamento histórico para trazer a tona este tema e gerar novos problemas que utilizem esta prática para futuros estudos.

Assim a metodologia desta pesquisa foi construída pela coleta e análise de informações através de fontes documentais, impressas e imagéticas, e os resultados foram apresentados em três capítulos que representam a configuração das fases do boxe no estado. O primeiro capítulo intitulado “Os primeiros vestígios do boxe no estado Rio Grande do Sul”, aponta os primeiros clubes que começaram a oferecer esta modalidade, alguns primeiros nomes de lutadores, bem como os locais em que ocorriam os eventos de boxe. O segundo capítulo “As mudanças no boxe no Rio Grande do Sul”, fala sobre o processo de federalização do esporte com a criação da Federação Rio Grandense de Pugilismo (FRGP), os eventos oficiais, as participações em campeonatos nacionais e internacionais, bem como a popularização do esporte. O terceiro capítulo “O boxe e o telecatch” aponta uma possível tensão criada entre a conquista do título mundial por Éder Jofre, que impulsionava o boxe no Brasil e o surgimento do telecatch, que atraía a mídia e os investimentos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Segundo Chartier, 2000, uma definição possível para História Cultural é dada por C. Schorske:

O historiador procura localizar e interpretar temporariamente o artefato num campo em que se intersectam duas linhas. Uma linha é vertical, pela qual se estabelece a relação de um texto ou de um sistema de pensamento com as manifestações anteriores no mesmo ramo de atividade cultural. A outra é horizontal, através dela determina a relação do conteúdo do objeto cultural com o que vai surgindo noutros ramos ou aspectos de uma cultura.

O estudo das práticas constitui um dos temas da Nova História Cultural. Assim, como sugere Burke (2005): “a história da prática religiosa em lugar da teologia, a história do falar antes da linguística, a história da experiência mais do que da teoria científica”. Em virtude disto, o estudo das práticas tem constituído o campo, profissionalizado, da História do Esporte que hoje conta com suas próprias revistas especializadas (BURKE, 2005). Além disto, a história das representações também aparece como outro campo a ser explorado. Tem se usado como objeto de estudo inúmeras representações: visuais, mentais, literárias, dentre outras, na tentativa de reconstrução da história (BURKE, 2005).

O tema que abrange as práticas corporais se tornou mais relevante para o campo da disciplina acadêmica de História mais recentemente. A emergência da ramificação “História do Esporte” tem relação com a configuração da Nova História cultural da década de 1970 (MELO; FORTES, 2010). Cabe ressaltar que este campo denominado História do Esporte abrangeria práticas corporais que não recebem atualmente a denominação de “esporte” como a história da educação física, da ginástica e das manifestações das práticas esportivas anteriores a Era Moderna (MELO; FORTES, 2010). A conformação deste campo de investigação deve-se aos estudos na área da Educação Física, pioneira a reconhecer a relevância deste tema para a área e para a História, que paulatinamente começa a aceitar esta disciplina (MELO; FORTES, 2010).

Tal abordagem, por sua vez, ocupa-se em olhar o esporte como prática que muito tem a dizer sobre os valores e significados do contexto cultural que, inscrito na singularidade de um tempo, cria e recria-o de modo particular. O esporte, numa perspectiva histórica, desponta neste cenário como a principal lente de análise das relações estabelecidas em sociedade. Portador de significados próprios e, ao

mesmo tempo, inundado por uma dimensão pedagógica e potencializadora de questionamentos, o esporte é visto como elemento cultural que possibilita a compreensão das estruturas sociais, por trazer em si marcas e reflexos do contexto que o cria e sustenta.

O que mais interessa no estudo histórico das práticas corporais é perceber que os objetos expressados representam de forma multifacetada um conjunto de dimensões de um quadro de tensões sociais no espaço e no tempo (MELO; FORTES, 2010).

A presente pesquisa é de caráter qualitativo enquadrando-se em histórico-documental. As principais fontes documentais utilizadas para a análise e interpretação foram: Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul Amaro Júnior.³ e fichas sobre boxe, catalogadas, do jornal Diário Popular de Pelotas (RS). Outros materiais também foram utilizados como imagens cedidas do álbum da FRGP, livros, artigos e documentos eletrônicos. As fontes foram encontradas em arquivos pessoais, na Biblioteca da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e disponíveis na Internet.

A história pode ser construída ou reconstruída a partir dos vestígios preservados pelo tempo. Desta maneira, vale a pena destacar o importante papel dos Acervos e da Catalogação de documentos na preservação de fontes importantes para que isto seja possível, pois as fontes são a matéria-prima básica do pesquisador, indispensáveis para a reconstituição do passado.

Mas os documentos não falam por si mesmos, eles são testemunhas do que aconteceu, portanto, é preciso indagá-los para conseguir extrair deles as respostas que se procura. A contextualização da coleta é fundamental, o pesquisador deve analisar e interpretar os discursos de acordo com o tempo, o lugar, a política, dentre outros, visto que não existe documento neutro.

Desta forma, esta pesquisa utilizou-se da técnica de análise documental, que faz uso de arquivos que ainda não receberam tratamento dos dados que apresentam. A investigação seguiu-se em três etapas: a) Exploração que consiste em encontrar nas fontes os documentos necessários para a pesquisa, b) Coleta de

³ O Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul Amaro Júnior era um veículo de informação que apresentava resultados dos acontecimentos esportivos no Rio Grande do Sul e de atletas gaúchos em competições nacionais e internacionais. Sua edição era anual e ocorreu no período de 1942 até 1958.

Dados e Organização em que o material é disposto em uma ordem sequencial e cronológica o que chamamos de “Linha do tempo”, c) Análise e tratamentos dos dados. A fase de análise dos dados tem como objetivo compreender o que foi coletado, confirmando ou não os pressupostos da pesquisa para ampliar a compreensão de contextos além do que se pode verificar no que o fenômeno aparenta (SOUZA; MELO; SANTIAGO, 2010).

Visto que o problema desta investigação centraliza-se na trajetória do boxe no Rio Grande do Sul, os trabalhos que apresentassem aspectos da história do boxe no Rio Grande do Sul e no Brasil seriam muito importantes. Em relação a isso, foram encontrados poucos materiais com a abordagem histórica deste esporte. Em relação ao surgimento do boxe no Brasil, a maioria dos materiais encontrados é de autoria de Victor Andrade de Melo e o Atlas do Esporte no Brasil traz uma abordagem mais completa de seu surgimento até os anos 1990, entretanto é um arquivo somente. Os sites da CBBBoxe e da FRGP também trazem a história do boxe. Em relação ao boxe no Rio Grande do Sul foi encontrado um artigo sobre o boxe em Porto Alegre, com os primeiros comentários de uma pesquisa que ainda está em andamento. Foram consultados em Outubro de 2012: o banco de teses e dissertações da UFRGS e da Universidade de São Paulo (USP), Biblioteca digital da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), SCIELO, Google Acadêmico e Portal da Cappes; as revistas eletrônicas pesquisadas foram: Rev. Brasileira de História do Esporte, Rev. Brasileira de Educação Física, Rev. Movimento, Rev. Brasileira de Ciências do Esporte.

Também foram utilizados dados obtidos através de uma visita a FRGP, que oficialmente localizava-se na Rua Gonçalves dias, 628, no bairro Menino Deus em Porto Alegre, mas teve seu prédio demolido para a construção de um ginásio no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE) e atualmente atende em uma sala do prédio da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (FEPAGRO) na mesma rua e seu atual presidente é o ex-pugilista e técnico de boxe Vinício Guariglia, com qual tive a oportunidade de conversar e de ter acesso aos álbuns da FRGP (anos de 1960, 1970 e 1980). A biblioteca referida no site da federação, Jorge Aveline, foi formada através de materiais cedidos pela esposa de Jorge Aveline, mas atualmente em virtude da mudança o material encontra-se sem organização.

3 OS PRIMEIROS VESTÍGIOS DO BOXE NO ESTADO

A origem e formação do esporte no Brasil remontam ao século XIX, quando já se tem uma diferenciação entre o papel da elite e das camadas populares. Visto que cabia a elite a organização e a prática do esporte e às camadas populares cabia apenas a assistência do espetáculo esportivo (MELO, 2007). O turfe é um dos primeiros esportes a se organizar no país, pois se adequava bem ao modelo social vigente, ou seja, estava mais ligado ao mundo rural e os hipódromos eram organizados em arquibancadas que eram separadas pelo nível socioeconômico. Neste momento o conceito de esporte estava mais ligado a jogos de azar e ainda não havia a relação com a atividade física. Entretanto, com o processo industrial e a crescente urbanização, as preocupações com a saúde aumentam e o esporte passa a ser usado como estratégia de formação corporal (MELO, 2007). Neste tempo, os corpos musculosos passam a ser vistos como corpos saudáveis, mas ainda com resistência, pois até então os corpos magros eram tidos como o padrão da época. Então, contrastando com o turfe surge o remo, onde seus praticantes são fortes e é o próprio homem que conduz o seu barco, sempre retratado em posições que favorecessem seus músculos (MELO, 2007) Esta aceitação crescente dos corpos musculosos foi abrindo espaço para que as lutas também fossem aceitas no início do século XX como a luta romana e o boxe (MELO, 2007).

O boxe se espalhou por alguns países pela influência da Inglaterra não ainda como esporte no conceito atual, mas como uma forma de combate e sobrevivência devido ao seu caráter utilitário. No Brasil não foi diferente, o boxe surgiu no final do século XIX, logo associado à capoeira⁴, portanto marginalizado. Havia um grande preconceito entre os membros da elite dirigente do país em relação às lutas (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006). Para reforçar este preconceito as primeiras exposições das lutas de boxe foram feitas por marinheiros europeus, recrutados das classes mais humildes, que aportaram em Santos e no Rio de Janeiro (FEITOSA, LEITE, LIMA E 2006).

Segundo Melo (2007), foi no quartel que se realizaram as primeiras lutas de boxe e, no Rio de Janeiro, os ringues de patinação e os circos constantemente ofereciam ao público competições deste esporte. Na verdade, não se organizavam

⁴ A sua proibição relaciona-se com o controle das camadas populares e eliminação de atividades consideradas “bárbaras” e ultrapassadas (MELO, 2007).

propriamente como um campo esportivo como dito anteriormente, mas eram desafios individuais que reproduziam lutas, comumente acontecidas nas ruas. Dessa forma, havia muitas críticas em relação prática do boxe, embora fosse relativamente popular, era também por muitos considerado um esporte muito violento (MELO, 2007). Nesta época, o que havia era o entretenimento, a promoção de espetáculos de lutas, mas o boxe ainda não se organizava como esporte, o que no Brasil ocorreu tardiamente, em relação a outros esportes, na década de 1920 (PRIORE; MELO, 2009).

Segundo a FRGP (2002) a falta de tradição esportiva e o preconceito com as lutas dificultavam a difusão do boxe no país. FRGP chega a apontar que mesmo com a popularização dos meios de comunicação, como o cinema, ainda era difícil a divulgação desta prática. A respeito do cinema, a grande repercussão do título mundial conquistado por Jack Johnson em 1908 foi abafada pelo preconceito, quando proibida a exibição de filmes ou noticiários de boxe nos cinemas norte-americanos, apenas em 1915 quando Johnson é derrotado por um pugilista branco Jess Willard, os filmes sobre boxe voltam a ser exibidos novamente ainda demorando alguns anos para chegarem ao Brasil (FRGP, 2002). Foi neste tempo de duração do título mundial de Jack Johnson que a prática do boxe chegou ao Brasil. De qualquer forma, o boxe demorou muito a se desenvolver em nosso país, provavelmente por ser muito relacionado às camadas populares, comumente disputadas entre marinheiros e arruaceiros e, como era uma luta, era relacionada à capoeira, que era constantemente perseguida pelo governo (MELO, 2007).

Foi em 1913 que ficou documentada a mais antiga luta de boxe em território brasileiro que aconteceu em São Paulo entre o remador Luiz de Araripe Sucupira, forte remador do Clube de Regatas de São Paulo conhecido também como Apolo Brasileiro devido a sua compleição física, e um peso pena francês que visitava a cidade e possuía um corpo bem menos avantajado que seu oponente (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006; MELO, 2007). Sucupira acabou perdendo a luta para a técnica de seu adversário e tornou-se divulgador do esporte influenciando rapazes do tradicional *Club Canottiere Esperia* de São Paulo a incluir na associação a prática do boxe (FRGP, 2002).

Ainda não se sabe exatamente como o boxe chegou ao Rio Grande do Sul. Tendo Porto Alegre e Pelotas como cidades em que o boxe encontrou espaço para crescer, podemos verificar registros de passagens de praticantes do boxe

profissionais já em 1915. Provavelmente, com a promoção de espetáculos de lutas que traziam lutadores profissionais (nacionais e internacionais) para os eventos.

Pode ser que o primeiro contato dos gaúchos com o boxe tenha sido através de noticiários filmados exibidos nos cinemas que relatavam as disputas dos títulos mundiais. O que possa ter despertado interesse nos jovens que passaram a imitar os lutadores, querendo “praticar” o Boxe, mas ainda sem nenhuma orientação e isso tenha levado a formação dos *Clubes de Lutas*, como eram chamadas as academias da época. Mais tarde organizaram-se as *Noitadas de Lutas*, em que eram feitos os embates. Ao que indica, estas *Noitadas* eram bem aceitas pela população como entretenimento (FRGP, 2002).

A Associação Cristã de Moços (ACM) fundada em 26 de Novembro de 1901 em Porto Alegre, a qual oferecia diversas práticas esportivas como basquete, voleibol, futebol, tênis, judô dentre outras (MAZO et al., 2012), também passou a sediar lutas realizadas em seus salões. Estes eventos revelaram vários lutadores de boxe que apareceram posteriormente nos ringues de Porto Alegre, como o peso leve Pereira Johnson que também se destacou como cantor e compositor de samba (AMARO JÚNIOR, 1950).

O jornal Zero Hora dedicou uma matéria especial a ele, em agosto deste ano, intitulada “Johnson, o *boxeur* cantor”, que conta um pouco de sua história. Orlando “Johnson” Silva (1910-1995) ingressou no pugilismo por volta dos 20 anos de idade e buscou inspiração para o seu “nome de guerra” no herói negro dos ringues, o boxeador Jack Johnson. Johnson Silva também ficou conhecido como cantor e recebeu o título de “A voz morena da cidade”. No final da década 1930 ele desiste do boxe passando a dedicar-se a sua carreira de cantor.



Figura 1: “Johnson, o *boxeur cantor*”.
Fonte: Almanaque Gaúcho, 2012.

Em 1915, há a fundação da agremiação Sport Club Ruy Barbosa, fundado no dia 22 de outubro na cidade de Porto Alegre, o qual oferecia o judô como a principal prática esportiva, o futebol e também o pugilismo (MAZO, 2005). Por este mesmo período percebemos a movimentação de lutadores de boxe internacionais se apresentando em eventos no RS, como é o caso das lutas ocorridas no Coliseu, na cidade de Pelotas, entre Cezario, argentino e Ausofi, chileno e entre Shutz e Marin, belga (DIÁRIO POPULAR, 1917). Esta “troupe”, como foi referida pelo jornal da época, estava percorrendo o estado.

Em 1919, o marinheiro carioca Góes Neto, que havia feito inúmeras viagens à Europa onde aprendeu a prática do boxe, retornou ao Brasil e iniciou uma série de exibições da luta no Rio de Janeiro. Segundo FRGP, 2002 e Feitosa, Leite, Lima, 2006, estas exibições influenciaram o sobrinho do presidente da República Rodrigues Alves⁵ o que teria contribuído para a difusão do esporte com o surgimento de academias e também para legalização do esporte na década de 1920.

No início da década de 1920 inicia-se o boxe profissional no país, mas com treinadores improvisados e lutadores pouco técnicos e inexperientes. Em 1923, no Rio de Janeiro, surge a primeira academia de boxe de expressão nacional: Brasil

⁵ Rodrigues Alves foi presidente nos anos de 1902-1906 e em 1918 não pode assumir seu segundo mandato por motivos de saúde, sendo substituído por Delfim Moreira. Rodrigues Alves faleceu em janeiro de 1919 (BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2012).

Boxing Club que ajudou a difundir o esporte na então capital do Brasil cujas inovações repercutiam nacionalmente. Neste mesmo ano Batista Bertagnolli, que havia aprendido boxe na Europa, começa a fiscalizar lutas no *Club Canottiere Esperia* em São Paulo. Surge também neste cenário a figura de Celestino Caversazio considerado o primeiro treinador não improvisado e formador dos primeiros treinadores importantes do Brasil como: os irmãos Jofre, Atilio Lofredo e Chico Sangiovani (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

O primeiro boxeador profissional brasileiro foi Benedito dos Santos, o Ditão, que iniciou seu treinamento em 1922 em São Paulo. Nesta época o boxe era visto como um meio rápido para se enriquecer o que fazia com que os rapazes migrassem para o Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1923, Ditão derrota três adversários por nocaute no primeiro *round*. A repercussão destas vitórias levou este pugilista a um confronto com o campeão europeu, o italiano Hermínio Spalla em 1924. O resultado foi a derrota do brasileiro no nono assalto e uma tragédia em consequência, um derrame cerebral que fez com ele quase perdesse a vida e que o deixou fora dos ringues. Em virtude disto inicia-se uma campanha feita pelos jornais para a proibição do boxe em exhibições públicas o que acabou acontecendo em São Paulo. No entanto, esta proibição foi revogada em 1925, mas afetou o desenvolvimento do boxe paulista e fez com que os empresários ficassem receosos em trazer pugilistas estrangeiros ao país (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006). Na década de 1920 também surgem as primeiras entidades normativas e de gestão da luta inicialmente em âmbito local e estadual, pois ainda não existiam leis federais relacionadas ao esporte da época. Em 1925 fundou-se a Comissão de Boxe do Rio de Janeiro (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

No Rio Grande do Sul, na década de 1920 as lutas de boxe começam a ser promovidas em Porto Alegre. A ACM foi responsável pela difusão do boxe em Porto Alegre e no Brasil também. (MAZO, 2006). Neste mesmo período, a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) também passa a oferecer a prática do pugilismo em seu programa de atividades (MAZO, 2010). Ao mesmo tempo podemos ver que pugilistas brasileiros também estavam no cenário das lutas nos eventos ocorridos no estado, como os lutadores gaúchos Antônio Simões Jorge e Graciliano Goulart (DIÁRIO POPULAR, 1925). Por volta de 1924, temos a fundação do Southern Boxing Club, em Porto Alegre, o qual era uma instituição destinada à prática do boxe. (MAZO et al., 2012). Esta academia surgiu devido à iniciativa do esportista Arminio

Puper e era considerada, na época, uma das mais completas academias de Boxe da América do Sul e seu prestígio fez com que ela passasse a ser frequentada não somente por rapazes, mas também por homens de posição social, como políticos, comerciantes e empresários (AMARO JÚNIOR, 1950). Sua importância residia na expectativa da implantação do boxe como esporte amadorista e pelo período de sua existência sustentou a prática na cidade chegando até a realizar um campeonato porto-alegrense de boxe. Conforme Mazo (2006), em 1926 os campeonatos citadinos desta época eram realizados nos salões da Sociedade Leopoldina e no palco do cinema Carlos Gomes.

Na década de 1930 inicia-se um período melhor para o boxe brasileiro com a criação das federações estaduais que davam condição aos atletas para participarem das competições internacionais. Em 1933 foi fundada a Federação Carioca de Boxe que em 1935 origina a Federação Brasileira de Pugilismo. Neste período a seleção brasileira participa pela primeira vez do Campeonato Sul-Americano de Boxe, na Argentina, com sua equipe composta apenas por cariocas, visto que era só o Rio de Janeiro que possuía uma federação legalizando o esporte. Em 1936 foi fundada a Federação Paulista de Pugilismo Amador. A FRGP foi fundada mais tarde, em 1944. É importante salientar que inicialmente estas federações eram responsáveis por outras lutas também como a luta livre, a luta greco-romana e o jiu-jitsu que mais tarde acabam ganhando autonomia (FEITOSA, LEITE, LIMA E 2006).

Em Porto Alegre, na década de 1930, há a emergência de outros lugares que ofereciam o boxe e outras lutas, como a Liga de Esportes da Brigada Militar, fundada no início da década de 1930, oferecia dentre outros esportes o boxe, a luta livre e a esgrima (MAZO et al., 2012). O clube Avenida Futebol Club, foi fundado em 21 de outubro de 1931 e oferecia futebol e lutas (MAZO et al., 2012). O Grêmio Esportivo Zivi, Müller, Hercules foi fundado em 11 de agosto de 1934, também dentre os seus esportes constava o pugilismo (MAZO, 2012).

No final da década de 1930, a capital contava com lugares específicos para a realização das *Noitadas* de boxe, os quais eram denominados de *estádios*, em que o principal foi o Alhambra, que se localizava onde atualmente é a Reitoria da UFRGS (na década de 50 foi destruído para a construção de novos prédios da UFRGS). O Estádio América, importante referência para o boxe, é inaugurado posteriormente em 1948 e localizava-se na Avenida Borges de Medeiros. Outros estádios são referidos nesta época como o Palácio, Palermo, Brasil e Paissandu. Como já havia

uma quantidade significativa de lutadores, havia uma triagem: os mais experientes lutavam nos *estádios* do centro e os principiantes nos de bairro (FRGP, 2002). Entretanto ainda não havia fiscalização oficial das lutas, o que prejudicava a consolidação do esporte no estado.

Não foi somente em Porto Alegre a intensa movimentação das *Noitadas Pugilísticas*, em Pelotas também elas eram promovidas e organizadas por empresários, como Vicente Bianchi, que mobilizou bastante o boxe nesta cidade. Além dos eventos de boxe, este empresário teve a iniciativa de fundar uma academia para a prática deste esporte contando com o apoio de diversos praticantes amadores. (DIÁRIO POPULAR, 1934).

As *Noitadas de Boxe* eram frequentes e contavam com diversos lutadores entre amadores e profissionais nacionais, tanto da cidade, de Porto Alegre e também de outros estados, como com lutadores de outras nacionalidades, como o famoso Vicente Pricoli, uruguaio, que protagonizou diversas lutas. As *Noites de Boxe* ocorriam em teatros como o Anfiteatro Pelotense, com um ringue armado bem ao centro, no Teatro 7 de abril, no Teatro Guarani ou então nos ringues com os quais Pelotas já contava como o Pelotas Ring Clube e no Ringue da rua 3 de maio. Eram bem organizadas e contavam com equipes de médicos e juizes para intermediarem os embates. Em 1937, além da Academia de Boxe Pelotense, a cidade de Pelotas tem o Boxe Clube Pelotense (DIÁRIO POPULAR, 1937) o que demonstra a intensa movimentação do esporte na cidade.

Após a intensa movimentação da década de 1930, o início da década de 1940 marca uma nova etapa para o boxe gaúcho.

4 MUDANÇAS NO BOXE NO RIO GRANDE DO SUL

Embora, em outros estados a situação do boxe fosse diferente, em Porto Alegre enfrentavam-se alguns problemas. Na capital gaúcha, a temporada internacional no Palácio Ring Club foi suspensa pela mudança do local da sede, o Atlético Ring Club sofreu várias dificuldades por falta de instalações adequadas e teve que efetuar suas *reuniões* em teatros da cidade. A Brigada Militar também suspendeu o campeonato entre seus pugilistas. A falta de fiscalização oficial das lutas e a ausência de uma unidade que regulamentasse o esporte justificavam a desorganização na qual o boxe encontrava-se.

Durante este período foram organizadas diversas comissões de boxe, mas sem força para, de fato, legalizar os eventos de boxe. Foi então que a Federação Atlética Rio-Grandense (FARG), entidade atlética filiada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) tornou-se responsável pela direção dos esportes de ringue do nosso estado como o boxe, a luta livre e o catch. Iniciando deste ponto a normalização estribada no Decreto-Lei nº 3. 199, baixada pelo Governo Federal para regulamentar a práticas esportivas em todo o país. Mais tarde foi fundada a Federação Rio-Grandense de Pugilismo que substitui a FARG. (AMARO JÚNIOR, 1950) Visto que a prática do boxe não se restringia somente à capital, era imprescindível a criação de uma entidade organizadora para este desporto.

No ano de 1941, também por força do Decreto Lei nº 3199 de 14/4/1941, a Federação Brasileira de Pugilismo é constituída em Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) reunindo as federações então existentes: paulista, metropolitana (RJ) e Mineira por meio de Assembleia Geral realizada em 1º de agosto de 1941 no país (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

A Confederação Brasileira de Pugilismo era uma entidade que durante vários anos administrou os esportes de lutas, como, karatê, judô, capoeira, luta livre e greco-romana, etc., até que as modalidades foram se organizando e formando suas próprias federações. Foi somente em 1998, devido à reforma dos estatutos e adequação à Lei Pelé, que a denominação é alterada para Confederação Brasileira de Boxe (CBBOXE, 2012).

Em 1942 há a criação do Campeonato popular de boxe pelo jornal Gazeta Esportiva de São Paulo que passa a ser a porta de entrada para o boxe profissional do país (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006). Em São Paulo, na década de 1940 foi

construído o Estádio do Pacaembu e foi no Ginásio do Pacaembu que, pela primeira vez, ocorreram lutas de boxe brasileiras com nível internacional. Nesta época o pugilista que mais se destacou foi o peso médio Antônio Zumbano, o “Zumbanão,” que teve 140 lutas ganhando mais da metade por nocaute (FRGP, 2002) ele e o pugilista Atílio Lofredo arrastavam multidões para assistirem suas lutas no Ginásio (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2012).

Em outro ritmo o boxe gaúcho, começava a ter amparo legal por meio da criação da Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP), no dia 24 de março de 1944 (FRGP, 2002), a qual substituiu a FARG (Federação Atlética Rio-Grandense). Data daí o início da jornada em prol da normalização definitiva do boxe e da sua implantação como esporte amadorista, visto que a implantação do boxe no Rio Grande do Sul começou do profissionalismo para depois ir para o amadorismo e isto dificultava a consolidação do boxe no estado como um esporte de fato, (AMARO, JÚNIOR 1950) devido também ao jogo de interesses comerciais que já vigorava na época. A partir do estabelecimento da FRGP, pode se dizer que, o esporte estava dando os primeiros passos, pois estaria indo do amadorismo para o profissionalismo, mantendo em perfeito equilíbrio as duas partes e, sobretudo, recebendo da parte profissional, os meios necessários para manter o lado amador como esporte complementar da Educação Física (AMARO JÚNIOR, 1950).

Em novembro de 1944, a FRGP organizou o primeiro Campeonato Estadual de Boxe Amador, com o intuito de selecionar os boxeadores que iriam ao Rio de Janeiro, representar o estado no Campeonato Brasileiro de Boxe Amador (AMARO JÚNIOR, 1945). A FRGP firma-se com a presidência do capitão Jacintho Targa⁶, auxiliado por Alfredo Amaral e Hedo Michel. É válido ressaltar que a exemplo da CBP, a Federação Rio-Grandense de Pugilismo também administrava outras lutas no estado como a luta livre, o jiu-jitsu, etc.

No ano de 1945, os gaúchos participam pela primeira vez do Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, realizado no Estádio Caio Martins, no Rio de Janeiro. Apesar de não conquistarem nenhum título nacional neste ano, as lutas feitas pelos gaúchos foram consideradas como as mais “empolgantes” da competição pela crítica da época. (AMARO JÚNIOR, 1946). Era a expectativa dos entusiastas do esporte de verem o boxe crescendo assim como no eixo Rio-São Paulo. Neste

⁶ Foi diretor da Escola de Educação Física (ESEF) no período de 1945 a 1953 (MAZO, 2005).

campeonato o pugilista Ralf Zumbano, que foi destaque no cenário do boxe brasileiro na década de 1950, conquistou o título nacional na categoria leve (AMARO JÚNIOR, 1946).

Os pugilistas que representaram o Rio Grande do Sul no Campeonato Nacional de Boxe de 1945 foram: Adão Martins (galo), Carlos A. Soares (pena), Telmo Parra (meio médio), Florencio Silva (médio), Guilherme Silva (meio pesado) e Azevedo Silva (pesado) (AMARO JÚNIOR, 1946). No campeonato estadual, os clubes que se destacaram foram o Clube Farrapos e o Palácio Ring Club.

No ano de 1946, os gaúchos conquistaram quatro vice-campeonatos no Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, que foi realizado no Rio de Janeiro, de 5 a 10 de novembro, no ginásio coberto do Flamengo e no Estádio Vasco da Gama, com a participação de cariocas, paulistas, os quais venceram praticamente em todas as categorias, gaúchos, fluminenses e paranaenses.

Em 1947, no início de outubro em São Paulo, o pugilismo amador gaúcho conquistou pela primeira vez na história esportiva do estado, um título nacional.



Figura 2: Almeirão Santana, campeão brasileiro (galo) em 1947.
Fonte: Amaro Júnior, 1948.

O pugilista Almeirão Santana foi o campeão brasileiro pelo peso galo, que em 1946, havia sido vice-campeão da competição, e pelo seu desempenho foi requisitado a representar o Brasil no Campeonato Sul-americano, efetuado no Chile, recebendo as mais elogiosas referências da imprensa chilena e argentina,

notadamente da conhecida revista portenha “El Gráfico” que o classificou como “uma legítima esperança do boxe continental”. Nesta competição, a equipe gaúcha poderia ter sido vice-campeã da competição, caso Dario Silva tivesse vencido Wilson dos Anjos, mas os juízes deram a vitória ao carioca. Em virtude do bom desempenho, os pugilistas Almeirão Santana e Dario Silva foram requisitados para integrarem a seleção brasileira, que disputou em novembro o campeonato Latino-Americano que ocorreu em São Paulo, entretanto, devido a circunstâncias imprevistas, nenhum deles pode participar. (AMARO JÚNIOR, 1948). Neste mesmo ano, em Porto Alegre, foi bastante movimentado para o boxe, ocorreram, o Campeonato Estadual de Boxe Amador, o qual já era realizado com regularidade há três anos, um Campeonato de Estreantes de boxe amador e também um campeonato para Estreantes de Luta Livre. As lutas ocorreram primeiramente num estádio improvisado no pavilhão da antiga Exposição Agropecuária do Menino Deus e finalizadas no pavilhão pertencente ao Tabajara *Ring Club* (AMARO JÚNIOR, 1948). Os clubes que se destacaram no campeonato estadual foram o Grêmio *Football* Porto-alegrense, a Sogipa e o Clube Farrapos.

Em 1948, houve uma intensa mobilização por parte da FRGP para a colocação do boxe e da luta livre no cenário dos esportes populares, claro ainda com muitas dificuldades. A inauguração do Estádio América, que foi uma iniciativa do veterano pugilista Hedon Michel, contribuiu para este objetivo. Este estádio impulsionou as lutas na cidade. Além dos campeonatos estaduais e de estreantes de boxe e luta livre, ocorreu uma temporada internacional de catch. Os clubes que se destacaram no Campeonato Estadual de Boxe Amador foram: Grêmio *Football* Porto-alegrense, Sogipa, Clube Farrapos, União e Porto Alegre Atlético *Ring*.

Neste mesmo ano, pela primeira vez, Porto Alegre sediou o Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, que aconteceu no Estádio América, com a participação de cariocas, paulistas e gaúchos. Neste campeonato o peso pena Kaled Curi, pugilista que também foi destaque a nível nacional na década de 1950, conquista o título nacional na sua categoria (AMARO JÚNIOR, 1949).

O Rio Grande do Sul conquistou um título nacional com o Meio Médio Nésio Paim Guedes⁷, que apesar de ter sua escalação discutida, foi o pugilista mais

⁷ Campeão estadual na categoria médio de 1947 e 1948 pelo Clube Farrapos, campeão brasileiro meio médio em 1948, campeão estadual médio pelo E.C Internacional, campeão estadual médio leveiro de 1951 e 1953 pela Sogipa.

destacado do ano por ganhar o título máximo nacional na sua categoria e ser requisitado pela Confederação Brasileira de Pugilismo para as eliminatórias realizadas no Rio de Janeiro, para a escolha dos representantes brasileiros para o Campeonato Pan-americano no Chile, entretanto o gaúcho perdeu sua vaga para o carioca Arí Honorio do Carmo (AMARO JÚNIOR, 1949). A realização deste evento em Porto Alegre, apesar de não ter despertado o interesse do público, serviu para despertar os clubes que estavam sem atividades e também para fomentar a organização de departamentos de pugilismo nos clubes que ainda não possuíam e para o surgimento de novas agremiações (AMARO JÚNIOR, 1950).

Em 1949, pela primeira vez as eleições para a direção da FRGP são disputadas por duas correntes e chega à presidência Dr. Taylor Fagundes e segue-se a esperança da organização do boxe amador e da sua popularização. Esta renovação também foi consequência em parte da política da CBP que estava procurando levar o boxe a todos os pontos do território nacional, através da realização dos campeonatos brasileiros, uma demonstração de que este esporte, como os demais, poderia ser um esporte limpo, integralmente amadorista, conforme o conceito da época (AMARO JÚNIOR, 1950).

O campeonato brasileiro aconteceu na cidade de Salvador, Bahia, no dia dois de junho, e nele o Rio Grande do Sul conquistou: um título, na categoria moscas, cujo campeão foi Sebastião Freitas, e três vice-campeonatos: o de galo (Almeirão Santana); médio (Dario Silva) e pesado (João Carlos Correia).

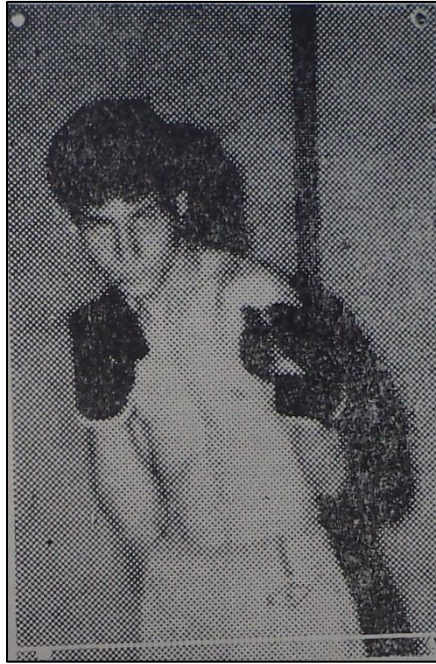


Figura 3: Sebastião Freitas, campeão brasileiro (mosca) em 1949.
Fonte: Amaro Júnior, 1950.

Este período foi de intensa atividade para a Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Sob a orientação presidente Dr. Taylor Fagundes e como coadjuvante os demais esportistas que ocupam os outros lugares na direção, o boxe gaúcho progrediu e os campeonatos promovidos eram disputados pelas principais agremiações esportivas de Porto Alegre (AMARO JÚNIOR, 1950). Os campeonatos de boxe realizados foram o de estreantes, novíssimos e veteranos (campeonato estadual), além de vários torneios interclubes. Os clubes que se destacaram no campeonato estadual foram o Grêmio *Football* Porto Alegrense que conquistou o “Bronze Correio Folha”, *Sport Club* Internacional e Grêmio Náutico União.

Além do boxe, a FRGP também trabalhava para reerguer a luta livre organizando os campeonatos desta modalidade (AMARO JÚNIOR, 1950). Os clubes que se destacaram no campeonato estadual de luta livre de 1949 foram o Clube Rio-grandense de Lutas, Porto Alegre Atlético *Ring*, América *Boxing Club*, Sogipa e Grêmio Náutico União. O Porto Alegre Atlético *Ring* foi o campeão estadual de luta livre de 1949, sendo bicampeão gaúcho desta modalidade esportiva. (AMARO JÚNIOR, 1950). No final de 1949, o Rio Grande do Sul participa pela primeira vez de uma competição nacional de luta livre. Os lutadores gaúchos, por apenas um ponto, não se sagraram campeões brasileiros. Nesta ocasião conquistaram quatro títulos e dois de vice-campeonatos: Marino Mucillo (mosca), Rafael Merolillo (galo), Flavio

Marcarello (meio médio) e Paulino José Lippert (médio); os vice-campeões: David Amaro (pena) e Lindo Pasqualin Brufatto (pesado). Neste campeonato os cariocas fizeram 35 pontos, os gaúchos 34 e os paulistas 22 (AMARO JÚNIOR, 1951). Em 1950, os clubes que se destacaram no campeonato estadual de luta livre foram o Clube Rio-Grandense de Lutas, a Sogipa, Grêmio Náutico União.

A década de 1950 é marcada por diversos espetáculos nacionais e internacionais realizados no Brasil. Com o surgimento de Jacó Nahun, o primeiro mega-empresário brasileiro, que lança no boxe profissional nomes como Ralf Zumbano, Kaled Curi e Éder Jofre e, além disto, através de um intercâmbio com os dirigentes do Luana Park em Buenos Aires consegue trazer vários pugilistas argentinos para lutar no Pacaembu e posteriormente no Ibirapuera, o que acrescentou muito ao boxe nacional contribuindo para o seu amadurecimento (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006). Nesta década outro pugilista que merece destaque é Luis Inácio, o “Luisão” que foi o primeiro brasileiro a conquistar medalhe de ouro nos Jogos Pan-Americanos no México e como profissional chegou a conquistar o título de campeão sul-americano na categoria meio-pesado. Assim como o pugilista “Ditão”, “Luisão” também acabou sendo vítima da negligência de seus empresários que pensando apenas no lucro não se preocuparam com sua saúde, pois após sofrer um violento nocaute continuaram a promover lutas sem intervalos o que por fim levou-o aos sintomas da chamada “demência pugilística” (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

Em 1950, em Pelotas, inaugura-se o ringue do Clube Rio-Grandense de Lutas. A movimentação das *noitadas de lutas* na cidade centra-se neste espaço e a programação além do boxe passa a incluir as lutas de catch⁸, que passam a encerrar a noite como atrações principais (DIÁRIO POPULAR, 1950) e também as lutas de jiu-jitsu como novidade na temporada (DIÁRIO POPULAR, 1950).

Em 1951, o boxe passa por sérias dificuldades na capital. Neste ano ocorreu um incêndio em Porto Alegre o qual acabou destruindo o Estádio América onde eram realizadas as competições de boxe amador. Neste mesmo ano, também ocorreu o despejo do prédio do Palácio dos Esportes, deixando a FRGP e outras federações sem uma sede para a operacionalização de seus trabalhos. Mesmo

⁸ O Catch também pode ser chamado de luta livre, porém a diferença reside na competição: o catch não é uma luta competitiva, não possuindo campeonatos nem organizações regentes como a luta livre, mas o objetivo de quem pratica e acompanha é a própria prática (DRAGO, 2007).

assim, a FRGP organizou os eventos de boxe que estavam programados, a saber dois campeonatos populares realizados pelo jornal Folha da Tarde, os campeonatos de estreantes e de novíssimos e também o campeonato estadual, no qual o Grêmio Porto-alegrense sagrou-se tricampeão estadual ficando novamente de posse do “Bronze Correio- Folha” oferecido pela empresa Caldas Júnior. (AMARO JÚNIOR, 1952). Finalizando o campeonato estadual, a FRGP tratou de preparar seus defensores para a disputa do campeonato brasileiro, o qual ocorreu no Rio de Janeiro, de 18 a 28 de Novembro, e apesar de todos os percalços, com três integrantes a menos, mesmo assim, foi conseguido dois títulos nacionais. (AMARO JÚNIOR, 1952). Na sede da Sogipa, ocorreu a reunião inaugural do Campeonato de Estreantes de Luta Livre promovido pela FRGP. E esta entidade promoveu o primeiro Campeonato de Estreantes de Jiu-Jitsu no E.C Rui Barbosa, cujos campeões foram os atletas do próprio clube (AMARO JÚNIOR, 1952).

Em 1952, a equipe que representou o estado no Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, estava sob o comando do técnico uruguaio Rafael L. Nuñez e conquistou dois títulos de categorias, sendo um o dos “galos” com Sebastião Freitas e outro dos “penas” com Nelson Campos e, ainda um vice-campeonato na categoria “leves” com Carlos Soares, o popular Tostão, o qual somente foi derrotado por Pedro Galazo, pugilista paulista, que na época já era tricampeão brasileiro e lutador olímpico. (AMARO JÚNIOR, 1953)

Neste período é referido um decaimento da luta livre na cidade, em virtude dos campeonatos nacionais serem sucessivamente adiados, sendo assim não havia estímulo para os competidores que acabavam desistindo da modalidade. Em 1952 os campeonatos de estreantes e novíssimos não foram realizados por falta de competidores. Entretanto, o Campeonato Estadual ocorreu na Sogipa, no qual participaram muitos atletas do referido clube e do América Boxing Clube. (AMARO JÚNIOR, 1953)

Em janeiro de 1953, ocorreram as eleições para a nova diretoria da FRGP, e o deputado Croací Cavalheiro de Oliveira tornou-se o presidente da federação. Em fevereiro, o pugilista gaúcho Sebastião Freitas, campeão brasileiro dos galos, foi incluído na delegação brasileira para disputar o Campeonato Latino-Americano de Boxe Amador em Montevideu. Também foram realizados pela FRGP os campeonatos de estreantes e o estadual de boxe amador e também o campeonato para estreantes de jiu-jitsu, no qual Nelson Cardoso de Souza e Flodoardo Pereira,

do E. C. Rui Barbosa, foram o campeão e o vice-campeão respectivamente. O E.C. Rui Barbosa foi o clube vencedor coletivo e a Sogipa ficou em segundo lugar. (AMARO JÚNIOR, 1954).

Em 1955, o então presidente da FRGP Prof. Jorge Aveline organizou um mutirão para construir um novo estádio, bem no centro da cidade que ficou conhecido como o Estadinho, inaugurado no dia 14 de julho de 1955.



Figura 4: Inauguração do Estádio da FRGP em 1955.
Fonte: Álbum da FRGP.

Outra importante decisão tomada pela federação foi a iniciativa de trazer, do Rio de Janeiro, o experimentado técnico Aron Nowina que passou a orientar treinos diários para muitos atletas (FRGP, 2002). A intenção da instituição era que a maneira improvisada dos treinos dessem lugar a um treinamento organizado por um profissional. Neste ano, o campeonato de estreantes foi efetuado por iniciativa do jornal Folha da Tarde Esportiva como um campeonato popular e a FRGP resolveu oficializa-lo. Também ocorreram os campeonatos de novíssimos e o campeonato estadual, no qual o campeão coletivo foi o Porto Alegre Atlético Ring, em 2º lugar o E.C Cruzeiro e em 3º lugar ficou o E.C Internacional (AMARO JÚNIOR, 1956). Como referido na época, sem nenhuma divulgação foi efetuado o campeonato de Luta Livre Esportiva para estreantes, no qual os atletas do E.C Cruzeiro conquistaram

quase que a totalidade dos títulos (AMARO JÚNIOR, 1956). Em 1955, ano em que Éder Jofre foi campeão brasileiro pela categoria moscas, os gaúchos não conquistaram nenhum título no Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, realizado em Salvador e contou com a participação de cinco estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul (AMARO JÚNIOR, 1956).

Em 1956, o esforço dos clubes, dos lutadores e da FRGP continuava grande para que o boxe conquistasse um lugar no cenário esportivo do Rio Grande do Sul, sem ainda, entretanto conseguir seu objetivo devido aos diversos obstáculos que impediram o crescimento deste esporte no estado. No mês de abril a FRGP efetuou o campeonato de estreantes, conhecido como Campeonato Popular da Folha da Tarde. O campeonato estadual aconteceu em novembro, e o clube E.C Cruzeiro foi o campeão coletivo sendo considerado o melhor clube de boxe de 1956. Entretanto, não entraram em disputa todos os títulos individuais no campeonato estadual, demonstrando a falta de competidores e a possível baixa do esporte no estado. O Campeonato Brasileiro de Boxe Amador que seria realizado em Niterói, no Rio de Janeiro, acabou não acontecendo e isto contribuiu muito para a perda do estímulo daqueles que apesar de todos os percalços, ainda se dedicavam à prática e direção do boxe sul-rio-grandense (AMARO JÚNIOR, 1957).

Segundo a FRGP, na década de 1950 os boxeadores mais destacados foram: Adriano Rodrigues, que talvez tivesse sido o melhor boxeador formado nesse período e que se tornou profissional em São Paulo, onde serviu de *sparring*⁹ para Éder Jofre, e depois foi para a Itália onde lutou por muitos anos e fez boa reputação. Outros destaques foram Ely Souza, Almeirão Santana¹⁰ e Sebastião Freitas¹¹.

⁹ Denomina um colega que tenha estilo semelhante ao do próximo adversário do lutador em questão e que se dispõe a ajudar no preparo do mesmo fazendo lutas de treinamento (FRGP, 2002).

¹⁰ Campeão brasileiro na categoria galos em 1947, campeão estadual galos de 1946 e 1947, 1948, 1949 pela Sogipa, campeão estadual penas de 1951 pela Sogipa, campeão estadual penas de 1953 pela Sogipa, estadual galo 1956 pelo E.C Cruzeiro.

¹¹ Campeão estadual pelo Grêmio Porto-alegrense e brasileiro moscas de 1949, campeão estadual galos de 1951 pelo Grêmio Porto-alegrense, brasileiro galos de 1952, campeão estadual leves 1953, campeão estadual penas 1955 pelo E.C Internacional.

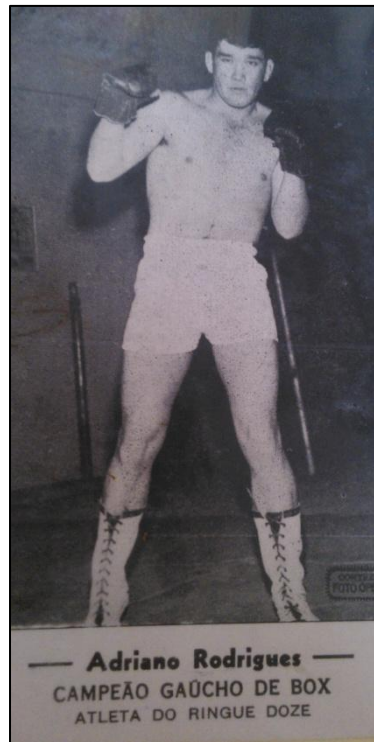


Figura 5: Adriano Rodrigues destaque da década de 1950.
Fonte: Álbum da FRGP.

A década de 1960 é marcada pela conquista do título mundial por Éder Jofre na categoria peso galo. Primeiro pela entidade norte-americana *National Boxing Association* (NBA), superando o mexicano Eloy Sanchez e depois também conquistando o título unificado da categoria galos, derrotando Johnny Caldwell, campeão pela *European Union Boxing* (EUB), a qual não reconhecia os campeões da NBA. A luta ocorreu, em 1962, no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo e consagrou Éder Jofre como campeão absoluto. Jofre conservou este título até 1965 quando perdeu para o japonês Fighting Harada (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006).

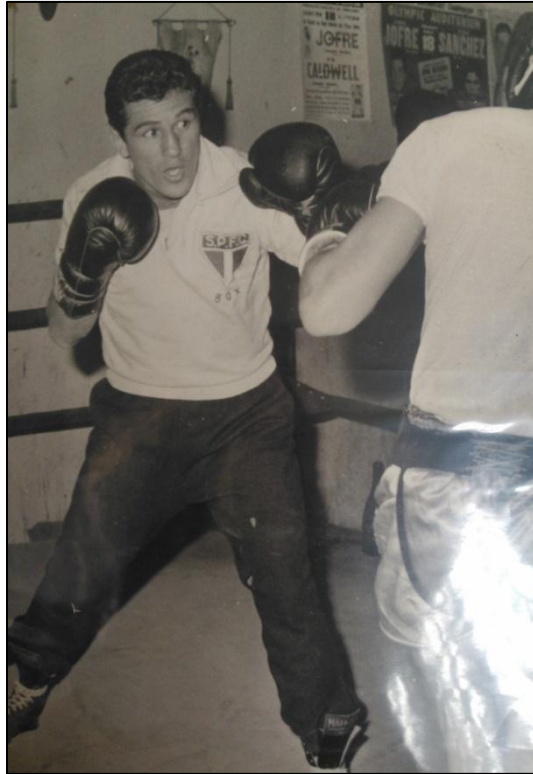


Figura 6: Éder Jofre em treinamento na academia brasileira de pugilismo, 1962.
Fonte: Álbum FRGP

A conquista de Jofre refletia no boxe no Brasil, que impulsionado por sua conquista atraía incentivos ao esporte. A seguir uma foto, no Ginásio do Grêmio Náutico União, Éder Jofre que já era referência, visitou o estado e fez uma luta demonstrativa.



Figura 7: Noite da luta demonstrativa de Jofre, 1960.
Fonte: Álbum FRGP

A primeira metade da década de 1960 é considerada como a *época de ouro* devido ao crescimento no conhecimento técnico do esporte oferecido no Estadinho, o qual se tornou o principal centro de formação de boxeadores.



Figura 8: Treinamento no Estadinho, 1962.
Fonte: Álbum FRGP

Em 1961, a equipe gaúcha participa do Campeonato Brasileiro de Boxe Amador que ocorreu em Brasília. Carlos “Caruso” Dorneles conquista o título de campeão na categoria peso leve.



Figura 9: Equipe gaúcha de boxe, 1961.
Fonte: Álbum FRGP



Figura 10: Caruso, campeão brasileiro (leve), 1961.
Fonte: Álbum FRGP

Em 1963, Porto Alegre recebe uma filial do Karak Boxe Club de São Paulo, tendo como treinadores os paulistas Emanuel Soares e Nelson de Andrade que contribuíram para este processo de formalização da prática do boxe (FRGP, 2002). Segundo a FRGP (2002), os boxeadores destaques do início dos anos 1960 foram Carlos "Caruso" Dorneles, Carlos Tironi Braga "Xangai" e Antônio Santos, conhecido como "Trovão".

5 O BOXE E O TELECATCH

No Brasil, além do boxe, a década de 1960, também é marcada pelo surgimento dos programas que exibiam as lutas de catch, que se tornou o popular telecatch. O Telecatch também é conhecido como luta livre, porém difere do esporte oficialmente reconhecido como luta livre originário da luta greco-romana e também da luta livre olímpica¹². Deve-se aos Estados Unidos a criação dos conceitos das lutas de exibição como as conhecemos hoje, chamadas de *wrestling* profissional ou *pro-wrestling* neste país. Duas características fundamentais foram um divisor de águas entre as lutas de exibição e as lutas esportivas e olímpicas: o recebimento de dinheiro pelo trabalho dos lutadores e organizadores e a combinação da luta por parte de todos os envolvidos, o que garantia uma carreira mais longa aos lutadores. É válido ressaltar que no México as lutas de exibição fazem parte da modalidade de *Lucha Libre*, que são lutas coreografadas com algumas características peculiares desenvolvidas no país o qual perde apenas para os Estados Unidos na tradição do esporte a nível mundial (DRAGO, 2007).

A prática do catch consiste em uma luta combinada e ensaiada pelos lutadores, na qual o que conta é a aparência física dos mesmos e o personagem que eles representam dentro do ringue tratando-se então mais de um espetáculo do que propriamente de uma competição. No Brasil, os atributos físicos dos lutadores contribuíram muito para a divulgação deste esporte no país. O telecatch foi uma espécie de “mania nacional” neste período, e foi transmitido por todas as emissoras de televisão da época. Apesar de serem lutas encenadas, na época ninguém conseguia afirmar taxativamente isto, logo a audiência era alimentada pela dúvida da veracidade dos embates. É válido ressaltar que não eram lutas de “mentirinha”, eram lutas ensaiadas, mas os golpes eram reais e exigiam do físico dos lutadores, ademais os lutadores se machucavam de verdade, embora não fizesse parte da luta a intenção de tirar o oponente de combate. Em virtude disto, por não se saber o limite entre o real e a fantasia e justificando-se por um combate a violência no final da década de 60 foi proibida a exibição do telecatch antes das 23h e isto marcou o início da decadência destes programas no país (DRAGO, 2007).

¹² As lutas olímpicas são a greco-romana e a luta livre que possuem diferenças nas regras e constituem modalidades diferentes, mas com a mesma origem (DRAGO, 2007).

Recentemente, Luiz Fernando Veríssimo em matéria ao jornal Zero Hora, traz à tona a saudade deixada pelo Telecatch e ressalta um nome importante para a história desta prática: Ted Boy Marino. Mario Marino, como era seu nome, nasceu na Itália e veio morar em Buenos Aires com sua família em 1953, onde se desenvolveu como pessoa e também como lutador em 1962 foi convidado a participar das lutas televisivas na mesma cidade, fazendo um enorme sucesso. Em 1965, devido a baixa nos programas da TV argentina e a uma fratura no braço ele vai morar em São Paulo e integra o programa Telecatch Montilla na TV Excelsior, e devido ao seu carisma acaba sendo convidado a participar também de outros programas como ator (DRAGO 2007). Mario Marino morreu este ano aos 72 anos, no dia 27 de setembro, no Rio de Janeiro, vítima de uma parada cardíaca após uma cirurgia de emergência. Ted Boy Marino, nome pelo qual ficou conhecido marca a história do Telecatch devido ao enorme sucesso que teve na sua carreira na televisão brasileira (VEJA, 2012).

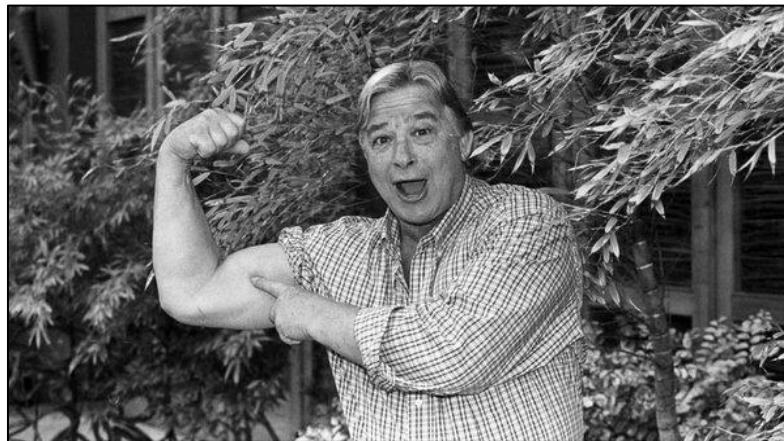


Figura 11: Ted Boy Marino, astro do telecatch.
Fonte: Veja

O sucesso da luta livre televisionada, rapidamente faz com que o boxe fique num plano secundário. O *Karak Club* acaba fechando em 1966, e em seguida o Estádio, em 1967. Com isso, o boxe gaúcho iniciou fase de declínio (FRGP, 2002). Alguns pugilistas acabam migrando para o catch (CARATTI, 2012).

Na década de 1960, a seleção brasileira de futebol torna-se bicampeã mundial, o que também faz com que os investimentos sejam direcionados a este

esporte que recebe atenção especial da mídia (POZZI, 2006). As especulações apontam um declínio do boxe neste período, na verdade, sabemos que as empresas e a mídia ditam o esporte da moda. É evidente que sem investimento fica difícil de alavancar uma prática esportiva, seja amadora ou profissional.

Contudo, foi neste período de possível crise que o pugilista Servílio de Oliveira venceu o Campeonato Brasileiro de Boxe Amador e foi aos Jogos Pan-Americanos de 1967. Entretanto foi a boa colocação nos Jogos Latino-Americanos, no Chile, que levou Servílio aos Jogos Olímpicos do México, em 1968, e conseguiu a medalha de bronze, a primeira do boxe brasileiro (RUBIO, 2006). Ele ainda não havia sido superado, mas neste ano de 2012 o pugilista Esquiva Falcão conquistou a medalha de prata e seu irmão Yamaguchi Falcão o bronze e Adriana Araújo conquistou o bronze também para o boxe feminino.

O pugilista Esquiva Falcão concorre ao Prêmio Brasil Olímpico, oferecido ao melhor atleta do ano pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), juntamente com o nadador Thiago Pereira e o ginasta Arthur Zanetti (CBBOXE, 2012).



Figura 12: Esquiva Falcão, prata em Londres, 2012.
Fonte: Site oficial da CBBOXE

Com este feito nas Olimpíadas, os atletas aproveitaram para trazer a tona a questão da falta de investimento no esporte, e no caso, no boxe brasileiro (ESTADÃO, 2012). Medalhista olímpico, no Brasil, é visto como “herói”, pois passam por enormes dificuldades e conseguem conquistar seus objetivos com investimentos

precários e nem de longe comparados a potências esportivas como China e Estados Unidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a reconstituir a história da organização do boxe no Rio Grande do Sul nas décadas de 1920, quando o boxe começa a despontar no país, passando pela fase de consolidação e esportivização da prática até a década de 1960, momento de tensões que interferem no crescimento desta prática esportiva no País.

Não se sabe exatamente como o boxe chegou ao Rio Grande do Sul, pode ser que tenha sido através de documentários filmados que tenham chegado a capital. Mas também através dos eventos de lutas promovidos nas cidades de Porto Alegre e Pelotas, os quais traziam lutadores profissionais de outras regiões para entretenimento.

A ACM já sediava lutas em seus salões e foi importante para a difusão do boxe no Rio Grande do Sul e em 1915 o Sport Clube Ruy Barbosa já oferecia o pugilismo como uma de suas práticas. Mas, foi em 1924 que temos um clube destinado à prática do pugilismo o *Southern Boxing Club*, em Porto Alegre. Sua importância residia na expectativa da implantação do boxe como esporte amadorista e pelo período de sua existência sustentou a prática na cidade.

A década de 1930 é marcada pela emergência de outros lugares que ofereciam o boxe como a Liga de Esportes da Brigada Militar e também marca o início do surgimento dos estádios, lugares específicos para a prática, como o estádio Alhambra. Por este período as noitadas pugilísticas ganhavam popularidade, tanto na capital como na cidade de Pelotas, que também já possuía clubes e ringues, a saber: a Academia de Boxe Pelotense e o Boxe Clube Pelotense.

O período de Consolidação do boxe no RS é a partir da década de 1940, pois até então os eventos de boxe não eram fiscalizados por nenhuma entidade normativa. Então, fundou-se a FRGP, no dia 24 de março de 1944, e iniciou-se o processo de organização efetiva do esporte no estado, tanto o boxe profissional, que carecia de regulamentação, quanto a implantação do boxe amador.

Em 1944, a FRGP organizou o primeiro Campeonato Estadual de Boxe Amador, com o intuito de selecionar os boxeadores que iriam ao Rio de Janeiro, representar o estado no Campeonato Brasileiro de Boxe Amador. No ano de 1945, os gaúchos participam pela primeira vez do Campeonato Brasileiro de Boxe Amador e em 1947, Almeirão Santana conquistou pela primeira vez na história esportiva do

estado, um título máximo nacional na categoria galos. Em 1948 há a inauguração do Estádio América, importante referência para o boxe gaúcho e que em 1949 sedia o Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, realizado pela primeira vez na cidade de Porto Alegre, o que serviu para incentivar o despertar dos clubes de boxe que estavam sem atividades e também o surgimento de novas agremiações e departamentos que oferecessem esta prática.

A década de 1950 é marcada pela continuidade dos campeonatos organizados pela FRGP, pela representação da equipe gaúcha de boxe nos eventos nacionais. Também ocorreu o incêndio no Estádio América o que trouxe sérias dificuldades para o avanço do esporte. Isto foi superado em 1955, com a construção do Estadinho, importante centro de eventos e treinamento para o boxe a partir deste período. A FRGP trabalhava para reduzir a improvisação nos treinamentos, trazendo técnicos profissionais para o estado.

No início da década de 1960, o boxe gaúcho é impulsionado pela conquista do título mundial na categoria galos por Éder Jofre. O Estadinho tornou-se o principal centro de formação de boxeadores evidenciando um crescimento no conhecimento técnico do boxe. Ao final desta década, o boxe brasileiro e gaúcho começam a enfrentar uma possível fase de declínio, em virtude também da explosão do *telecatch*, que com a mídia ao seu favor, é impulsionado e atrai investimentos, o boxe então enfrenta dificuldades para continuar seu crescimento.

O boxe, como elemento da cultura corporal é dotado de significados que demonstram aspectos importantes da sociedade na qual se desenvolve, surge daí a importância de torná-lo objeto de estudo e por este ângulo desenvolver reflexões que levem a reconstituição da história. Entretanto, para isto é imprescindível o desenvolvimento de trabalhos que façam esta abordagem da prática para que este possa ser também ser explorado desta maneira. Sabemos que como esporte o boxe já se desenvolve tardiamente no Brasil em relação a outras modalidades esportivas. A literatura sobre o boxe é escassa, mas as questões que o permeiam são inúmeras e devem ser pesquisadas e trarão contribuições significativas para a história do Estado e do País.

REFERÊNCIAS

AMARO JÚNIOR, J. (org.). **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 4º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1945.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 5º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1946.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 6º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1947.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 7º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1948.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 8º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1949.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 9º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1950.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 10º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1951.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 11º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1952.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 12º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1953.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 13º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1954.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 15º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1956.

____. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. 16º ano. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1957.

ALMANAQUE GAÚCHO. **Johnson, o boxeur-cantor**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/08/28/johnson-o-boxeur-cantor/>>.

Acesso em: 05 dez. 2012.

BACELLAR, C. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010.

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/rodrigues-alves/biografia>>.

Acesso em: 05 dez. 2012.

BURKE, P. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARATTI, Jônatas Marques. “Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920). **Revista Latino-americana de História**, v. 1, n. 3, p.508-524, mar. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/100/78>>. Acesso em: 07 dez. 12.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE. **Confederação Brasileira de Boxe: História**. Disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/site/index-aconfed.html>>. Acesso em: 06 dez. 2012.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXE. **Esquiva compete para melhor atleta do ano**. Disponível em: <<http://www.cbboxe.com.br/site/index.html>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, n.135, p. 3, c.2, 14 jun. 1917.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, n.173, p. 3, c.2, 30 jul. 1925.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, n.3, p. 6, c.1, 05 jan. 1934.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, n.117, p. 3, c.9, 08 jan. 1937.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, n., p. 5, c.3-5, 18 ago. 1950.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, n.221, p. 5, c.1-7, 23 set. 1950.

DRAGO. **Telecatch**: Almanaque da Luta Livre. São Paulo: Matrix, 2007.

DUARTE, Orlando. **História dos Esportes**. 4ª São Paulo: Senac, 2003.

ESTADÃO. **Medalhistas olímpicos voltam a criticar os dirigentes do boxe brasileiro**. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,medalhistas-olimpicos-voltam-a-criticar-os-dirigentes-do-boxe-brasileiro,920802,0.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE PUGILISMO. **História do Boxe Gaúcho**. Disponível em: <<http://www.boxergs.com.br/histori1.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE PUGILISMO. **Organização do Boxe Profissional**. Disponível em: <<http://www.boxergs.com.br/associa1.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE PUGILISMO. **Organização do Boxe Amador**. Disponível em: <<http://www.boxergs.com.br/associa2.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

FEITOSA M.; LEITE, N.; AMANDA L. Boxe. In: DaCOSTA; L.P (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil**: Atlas do esporte; educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, p.889-892, 2006.

MAZO, Janice et al. **Associações Esportivas no Rio Grande do Sul: Lugares e Memórias**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 606 p.

_____. **Banco de dados das associações esportivas e de educação física de Porto Alegre/Rio Grande do Sul (1867-1945)**. Novo Hamburgo: Feevale, 2010.

_____. Associações esportivas de Porto Alegre-RS 1867-1941 - RS. In: DaCOSTA; L. P. (Org.) **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**: Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Shape, p. 82-96, 2005.

____. Clubes esportivos e recreativos em Porto Alegre - RS. In: DaCOSTA; L. P. (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil**: Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, p.613-617, 2006.

____. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). **Movimento**, Porto Alegre, v.11, n.1, jan. 2005, p. 143-167.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do Esporte no Brasil**: Do Século XIX ao início do Século XX. 1ª Campinas: Autores Associados, 2007. 166 p.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. HISTÓRIA DO ESPORTE: PANORAMA E PERSPECTIVAS. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 22, p.11-35, jul/dez. 2010. Semestral.

POZZI L.; RIBEIRO, C. Esporte e Mídia. In: DaCOSTA; L.P (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil**: Atlas do esporte; educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, p.128-130, 2006.

PRIORE, Mary Del & MELO, Victor Andrade (Org.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. UNESP: São Paulo, 2009.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Anos 40**. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/estadio_pacaembu/historia/anos_40/index.php?p=8634>. Acesso em: 05 dez. 2012.

RUBIO, K. Medalhistas Olímpicos Brasileiros. In: DaCOSTA; L.P (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil**: Atlas do esporte; educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, p.96-99, 2006.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio Barbosa Mendonça de; MELO, Marcelo Soares Tavares de; SANTIAGO, Maria Eliete. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p.31-49, jul. 2010.

SCHERMANN, A. (Dir.). **Almanaque dos Desportos**. Publicação semestral. Rio de Janeiro, 1960.

THE INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Boxing**. Disponível em: <<http://www.olympic.org>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

TRUSZ, R. A.; NUNES, A. V. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n.1, jan. 2007, p. 179-204.

VEJA. **Luta Livre**: Ted Boy Marino, astro do Telecatch, morre no Rio. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/astro-do-telecatch-ted-boy-marino-morre-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 06 dez. 2012.

ZERO HORA, Porto Alegre, n., p. , c., 26 jan. 2012.